

RESENHA

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012 (Cadernos da Diversidade)

A família homoafetiva em debate

CLÁUDIA MORAES E SILVA PEREIRA *



Dia 19 de julho de 2012, em um programa de televisão em rede nacional é mostrada uma cerimônia de casamento entre duas mulheres. O programa tem como nome “Na Moral” e seu objetivo é discutir temas polêmicos, que estão na ordem do dia e são passíveis de diversos pontos de vista.

Desse exemplo podemos situar o que Richard Miskolci traz em seu livro “Teoria *Queer*: um aprendizado pelas diferenças” em seu debate a partir do pensamento *queer*, discutindo a heteronormatividade, normas e convenções sociais e possibilidades de transformação da educação.

No programa apresentado podemos levantar um primeiro elemento discutido por Miskolci em seu livro: o assumir papéis heterossexuais em uma relação homossexual. Ao ser perguntado sobre o papel da companheira de sua mãe no ambiente familiar, o filho respondeu que ela sempre “foi um pai” para ele, que cumpria a função de “homem da casa”.

Miskolci discute o papel da heteronormatividade – ordem sexual fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas

dirigidas principalmente a quem rompe as normas de gênero. Como ordem sexual que cria o mundo para ser heterossexual, onde, mesmo em relações homoafetivas passa-se a adotar o modelo de heterossexualidade. Para o autor, “a sociedade ainda exige o cumprimento das expectativas com relação ao gênero e a um estilo de vida que mantém a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todos/as”. A relação só é reconhecida quando se segue o modelo heterossexual e podem contribuir para a percepção negativa daqueles que não assumem a perspectiva heterossexual em suas relações.

Outro elemento que podemos levantar a partir da união apresentada na televisão é a necessidade de consolidação de uma família a partir do casamento. Dialogando com Giancarlo em seu livro, Miskolci parte dessa preocupação e chama a atenção para a consolidação do modelo de família ideal que se construiu como instituição-chave na consolidação da ordem social, em que outros modelos estão passíveis de humilhação e rejeição social.

Entre a teoria *queer* e as lutas dos movimentos homossexuais pelo reconhecimento de direitos há grandes

diferenças. Miskolci aponta um quadro claro que demonstra simplificada e essas diferenças. A primeira é em relação ao regime de verdade. Para o movimento homossexual o debate é realizado no binário hetero-homo enquanto para a teoria *queer* a questão em pauta é realizada entre normal-anormal. Além disso, a luta política dos teóricos homossexuais é a defesa da homossexualidade, enquanto para os teóricos *queer* o grande embate é a crítica aos regimes de normalização. Outra diferença é que a teoria homossexual tem a perspectiva da diversidade dentro de um sistema repressor enquanto a teoria *queer* visa a diferença em um sistema de disciplinar e controlador.

Ao levantar esse quadro, o autor explica que a teoria *queer* trabalha com o termo abjeção, com “a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é comunidade”. A problemática trabalhada pelo *queer* é o questionamento do normal e a defesa pelo abjeto. O movimento homossexual denuncia a heterossexualidade compulsória em contraposição à defesa da homossexualidade, aceitando os valores hegemônicos, enquanto que a teoria *queer* critica a heteronormatividade, na qual gays e lésbicas também podem ser aceitos a partir do momento que assumem as normas e convenções culturais do modelo heterorreprodutivo, defendendo aqueles e aquelas considerados estranhos e anormais por deslocarem o gênero do seu “natural”, os abjetos.

De acordo com o autor, o abjeto é algo que identifica repulsa ou nojo, e o contato com este pode ser contaminante ou nauseante. A abjeção em relação à homossexualidade deriva do julgamento

negativo sobre o desejo homoerótico, principalmente aos que rompem os padrões normativos. São multidões *queer*: corpos transgêneros, homens sem pênis, bolachas lobas, ciborgues, femmes butchs, maricas lésbicas.

A abjeção se constrói em oposição aos corpos *straight*, aos modelos heterossexuais. O discurso reforça essa construção. Através do discurso, objetiva-se reconduzir os anormais à regulação normativa do corpo *straight*. Deste modo, o pensamento heterocentrado assegura o vínculo estrutural entre a produção da identidade de gênero e a produção de certos órgãos como órgãos sexuais e reprodutores.

Os homossexuais que seguem a norma podem ser prevenidos da abjeção e rejeição. São “discretos” e não modificam seus corpos e, por isso, não sofrem a violência que as multidões *queer* são vítimas. O autor conclui que a sociedade reage mais violentamente ao rompimento das normas ou convenções de gênero do que com relação à orientação sexual.

Miskolci trabalha em seu livro com a origem do termo *queer*, um termo, em princípio, adotado politicamente na luta pela desvinculação da sexualidade e reprodução e que, posteriormente se encaixa enquanto teoria, sofrendo influência das teorias feministas e pós-coloniais. Apresenta-se como nova política de gênero, possibilitando a abertura de espaço para demandas levantadas por trabalhadores do sexo, transexuais, travestis, *hetero-queer*, ou seja, pessoas que estão contra as normas e convenções culturais. Portanto, lida com o gênero de forma cultural e tem como alvo central o combate a heteronormatividade.

A teoria *queer* levanta uma crítica ao

multiculturalismo e a diversidade. Afirmar o autor que esses termos representam a tolerância, o respeito ao lugar do Outro. Na perspectiva *queer*, o termo trabalhado é a diferença que coloca em debate o subalterno, buscando no Outro uma parte de nós mesmos.

Como o objetivo da obra de Miskolci é refletir os laços profundos entre educação e normalização social, entre a escola e os interesses biopolíticos, entre o sistema educacional e a imposição de modelos, propõe um educar fincado nas diferentes experiências, no combate à construção de sujeitos ideais, buscando a transformação no educar.

O trabalho com a diferença na educação procura mudar as relações de poder, transformar a cultura hegemônica, educar através do diálogo com experiências invisibilizadas, não reconhecidas, violentadas. Educar na concepção não normalizadora é primeiramente, identificar e desconstruir os pressupostos de neutralidade do processo educativo e do espaço escolar, ampliando o olhar para além dos muros da escola.

Outro ponto que o autor sugere é a retirada da heterossexualidade da posição de sujeito universal neutro, bem como, perceber que os programas educacionais, as escolas, as ordens arquitetônicas são construídas em uma perspectiva heterossexista, fazendo valer a heteronormatividade. Junto a isso, questionar o binário hetero-homossexual como única forma de existência da sexualidade e trabalhar com as diversas expressões afetivas e sexuais do ser humano. (MISKOLCI, 2012, p. 56)

Para Miskolci, a educação *queer* pode ser um importante caminho para a superação e transformação das normas e convenções culturais, podendo ser a base de trabalho escolar. A ideia é substituir o combate àqueles que não seguem as normas e convenções pela utilização dessas novas experiências para o educar, buscando ressignificar o que é considerado estranho para alcançar uma possível mudança social.

*Recebido em 2013-04-13
Publicado em 2013-06-11*



* **CLÁUDIA MORAES E SILVA PEREIRA** é Mestranda do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa.